



## Influências da colonialidade do saber na produção bibliográfica sobre a Terra Indígena Vanuíre/SP

Influences of the coloniality of knowledge on the bibliographic production regarding the Vanuíre Indigenous Land, São Paulo

Lara de O. Z. Motta<sup>1</sup>, Renata Albuquerque<sup>2</sup>, Gabriela M. Pivetta<sup>3</sup>

<sup>1</sup> Estudante de Bacharelado e Licenciatura em Ciências Sociais na Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (Unesp), Campus Marília

<sup>2</sup> Docente na Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (Unesp), Campus Tupã

<sup>3</sup> Mestranda do Programa de Pós Graduação em Agronegócio e Desenvolvimento (PGAD) na Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (Unesp), Campus Tupã

DOI: [10.47734/iluminart.v25.01.p-05](https://doi.org/10.47734/iluminart.v25.01.p-05)

### RESUMO

Este estudo analisa a produção do conhecimento sobre a Terra Indígena Vanuíre, localizada em Arco-Íris/SP, a partir de uma revisão bibliográfica exploratória de fontes acadêmicas e não acadêmicas. A pesquisa evidencia que a produção científica sobre o tema é majoritariamente concentrada na Unesp e conduzida por pesquisadores não indígenas, refletindo desigualdades epistêmicas e a predominância das epistemologias hegemônicas. Por outro lado, iniciativas não acadêmicas, como reportagens e projetos comunitários, ressaltam a valorização dos saberes indígenas e práticas culturais ancestrais. Os resultados indicam a importância de metodologias participativas e inclusivas que promovam a participação efetiva dos povos indígenas na produção do conhecimento científico, ampliando o diálogo entre saberes acadêmicos e indígenas.

**Palavras-chave:** Kaingangs; Krenaks; Terra Indígena.

### ABSTRACT

This study analyzes the production of knowledge about the Vanuíre Indigenous Territory, located in Arco-Íris/SP, based on an exploratory bibliographic review of academic and non-academic sources. The research shows that the scientific production on the subject is mostly concentrated at Unesp and conducted by non-Indigenous researchers, reflecting epistemic inequalities and the predominance of hegemonic epistemologies. On the other hand, non-academic initiatives, such as reports and community projects, emphasize the appreciation of Indigenous knowledge and ancestral cultural practices. The results indicate the importance of participatory and inclusive methodologies that promote the effective participation of Indigenous peoples in the production of scientific knowledge, expanding the dialogue between academic and Indigenous knowledge.

**Keywords:** Kaingangs; Krenaks; Indigenous Territory.

## 1. Introdução

A Terra Indígena Vanuíre, localizada no município de Arco-Íris, antigamente um distrito de Tupã-SP, destaca-se como um dos principais espaços de preservação histórico-cultural dos povos indígenas no estado de São Paulo (vide Anexo A). Sua história é marcada pelo confinamento dos povos indígenas no interior paulista. Atualmente, abriga os povos Kaingang e Krenak, remanescentes de contextos marcados pela retirada sistemática de seus territórios e pela tentativa sistemática de apagamento de suas culturas, modos de vida e formas próprias de habitar e se relacionar com a terra (Zema; Silva, 2021).

A criação deste território está vinculada ao indigenismo do início do século XX, conduzida pelo Serviço de Proteção aos Índios (SPI). Embora apresentada como uma iniciativa de proteção e assistência, essa política foi baseada nos ideais salvacionistas do positivismo comteano, e foi assim criada uma política de assimilação, como tentativa de integrar os povos originários do Brasil a um ideal de “civilização” (Rodrigues, 2019).

Como expõem Zema e Silva (2021), esse projeto assimilacionista não foi fruto apenas de uma suposta preocupação humanitária, mas esteve profundamente articulado aos interesses econômicos da elite agrária paulista, especialmente vinculada à expansão da cafeicultura e da malha ferroviária no oeste do estado. A presença indígena nas terras visadas pelo capital agroexportador era vista como obstáculo ao progresso, e a solução encontrada pelos agentes do Estado foi a remoção dos povos de seus territórios e sua concentração em “postos indígenas”, como o que viria a se tornar a atual Terra Indígena Vanuïre.

A narrativa oficial acerca da Índia Vanuïre reflete essa lógica. Apresentada como uma mulher idosa, pacífica e colaborativa, teria facilitado o contato e a “pacificação” dos Kaingang, simbolizando o sucesso do projeto assimilacionista do SPI. Essa narrativa, contudo, deve ser questionada. Como destacam Zema e Silva (2021), a suposta submissão atribuída aos Kaingang precisa ser entendida como uma estratégia cultural, marcada por negociações, adaptações e práticas próprias de resistência diante da violência colonial. Em vez de mera passividade, tratava-se de uma forma de preservar aspectos centrais da vida social e cosmológica, garantindo a continuidade do grupo em condições adversas. Oliveira (1987) reforça essa leitura ao argumentar que o processo de confinamento imposto pelo SPI não eliminou a agência indígena, mas a reconfigurou em novas formas de relação com o território e com o Estado. Assim, compreender a trajetória da Terra Indígena Vanuïre exige reconhecer tanto os mecanismos de coerção e deslocamento quanto às formas de resistência dos povos Kaingang, que, sob a aparência de integração, mantiveram práticas culturais e estratégias de sobrevivência.

Como observa Oliveira (2016), o processo indigenista estatal reproduziu uma ambiguidade entre discursos de proteção e confinamento, demonstrando uma lógica colonial que impõe limites territoriais e culturais a partir de um modelo hegemônico de desenvolvimento. É importante ressaltar, também, que o modelo do SPI buscava a integração dos indígenas à economia regional em condições precárias, ou seja, territórios de degradação (Pinheiro, 1999). No caso da Terra Indígena, o território foi estruturado a partir de uma lógica administrativa colonial, sem considerar plenamente as concepções indígenas de território, funcionando como um espaço de controle (Grupioni, 2005).

Diante desse contexto histórico de confinamento, apagamento cultural e instrumentalização do território indígena, a produção de conhecimento sobre a Terra Indígena Vanuïre se torna um campo de disputa simbólica e política (Bourdieu, 2011). A maneira como essa produção é realizada, por quem é realizada e com quais objetivos revela tensões importantes entre o discurso acadêmico hegemônico e as epistemologias dos povos originários.

Neste cenário, o presente trabalho justifica-se pela necessidade de compreender como o saber sobre a Terra Indígena Vanuïre tem sido produzido e disseminado, tanto em ambientes acadêmicos quanto institucionais. A revisão bibliográfica proposta permite não apenas mapear a produção existente, mas também identificar ausências, silenciamentos e desigualdades epistêmicas, especialmente no que diz respeito à participação de autores indígenas e à valorização de suas perspectivas.

Como argumenta Quijano (2000), a produção científica ocidental frequentemente deslegitima os saberes oriundos de povos tradicionais e comunidades indígenas, processo que ele associa à colonialidade do saber. De forma semelhante, Clavero (2008) e Oliveira

(2016) argumentam que as estruturas jurídicas e acadêmicas ainda operam segundo lógicas coloniais, que reduzem os povos indígenas à condição de objetos de estudo, negando-lhes agência intelectual.

## 2. Metodologia

A pesquisa adotou uma abordagem exploratória e descritiva, tendo sido conduzida por meio de uma revisão bibliográfica de escopo, conforme a metodologia proposta por Arksey e O'Malley (2005). O levantamento contemplou artigos, capítulos de livros, livros, publicações em anais, monografias, dissertações de mestrado e teses de doutorado. Dado o contexto da produção de conhecimento sobre os povos indígenas no Brasil — que não se limita ao ambiente acadêmico — também foram incluídos relatórios, informes e mapeamentos elaborados por instituições públicas e organizações do terceiro setor com foco na Terra Indígena Vanuïre.

A busca foi realizada em plataformas acadêmicas, sendo elas Periódicos CAPES, SciELO, Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD) e o Repositório Institucional da Unesp, com critérios de inclusão voltados para trabalhos cujo foco principal fosse a Terra Indígena Vanuïre, excluindo-se aqueles que apenas a mencionassem superficialmente. Foram encontrados 77 artigos no total mencionando a Terra Indígena Vanuïre, dos quais 49 foram desconsiderados por tratarem do tema apenas de forma secundária ou por mencioná-la superficialmente. Além disso, foram considerados todos os textos produzidos sobre o tema, independentemente do ano de publicação.

Já a produção bibliográfica fora da academia foi acessada de forma não sistemática, respeitando os protocolos previamente definidos. Foram considerados documentos e relatórios emitidos por instituições como o Ministério dos Povos Indígenas, o Instituto Socioambiental (ISA), o Conselho Indigenista Missionário (CIMI) e a Comissão Pró-Índio de São Paulo, entre outras. Essa diversidade de fontes permitiu mapear com maior precisão a forma como o conhecimento sobre a Terra Indígena Vanuïre tem sido construído, dentro e fora dos espaços institucionais de produção científica.

## 3. Resultados e discussão

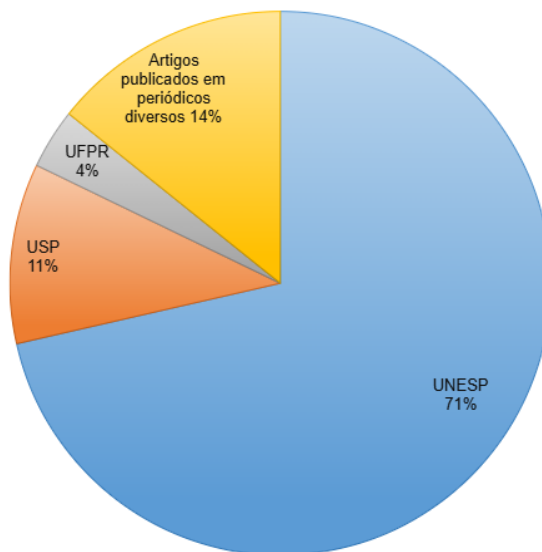
### 3.1 Produção Acadêmica

Como mostrado na Tabela 1 seguida da Figura 1 pode-se observar que a Unesp obteve maior participação na produção bibliográfica sobre a Terra Indígena Vanuïre somando 20 publicações, enquanto outras instituições como a USP (3) e a UFPR (1) apresentam participação significativamente menor.

**Tabela 1:** quantitativo da produção bibliográfica sobre a Terra Indígena Vanuïre por instituição.

Instituições	Quantidade
Unesp	20
USP	3
UFPR	1
Artigos publicados em periódicos diversos	4

Fonte: autoria própria (2025)



**Figura 1:** percentual da produção bibliográfica sobre a Terra Indígena Vanuíre por instituição. Fonte: autoria própria (2025).

Os dados indicam que os campi de Presidente Prudente e Tupã detêm 50% da produção bibliográfica referente a Terra Indígena Vanuíre realizadas pela Unesp e 35,7% do total de produções. No caso do campus de Tupã, além do lugar já ter sido pertencente ao município, fatores como as linhas de pesquisa do programa de pós-graduação da universidade também exercem influência direta nesse cenário.

As produções acadêmicas identificadas no campus de Tupã fazem parte do Programa de Pós-Graduação em Agronegócio e Desenvolvimento (PGAD), cujas linhas de pesquisa são: Competitividade de Sistemas Agroindustriais (Linha 1) e Desenvolvimento e Meio Ambiente (Linha 2). Isso evidencia que a abordagem da Terra Indígena ocorre frequentemente a partir de uma perspectiva de conflito entre os interesses da sustentabilidade e os da expansão agroexportadora, conflito esse que remete diretamente ao projeto assimilacionista do Serviço de Proteção aos Índios (SPI), conforme criticado por Zema e Silva (2021), ao apontarem que a política indigenista não foi apenas uma proposta de proteção, mas uma estratégia colonial de reordenamento territorial a serviço do capital agrícola.

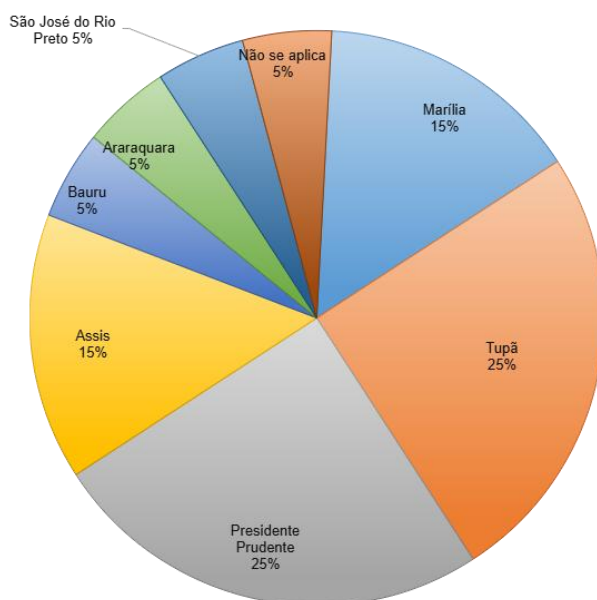
Já no campus de Presidente Prudente, todas as produções encontradas estão vinculadas ao curso de graduação em Geografia e ao Programa de Pós-Graduação em Geografia. Nesse contexto, as linhas de pesquisa contempladas são: Segurança Hídrica e Bacias Hidrográficas (Linha 1), Território, Saúde e Ambiente (Linha 2), Tecnologias Ambientais (Linha 3) e Sistemas Bio-Hidro-Climatológicos (Linha 4).

Essa concentração institucional pode ser explicada, em parte, pela localização geográfica dos campi envolvidos, em especial os de Presidente Prudente e Tupã, ambos situados na região conhecida como Alta Paulista, território historicamente implicado no processo de assimilação dos povos indígenas Kaingang e Krenak, confira os dados na Tabela 2 e na Figura 2:

**Tabela 2:** produção bibliográfica da Unesp sobre a Terra Indígena Vanuíre por campus.

Campus	Quantidade
Marília	3
Tupã	5
Presidente Prudente	5
Assis	3
Bauru	1
Araraquara	1
São José do Rio Preto	1
Não se aplica	1

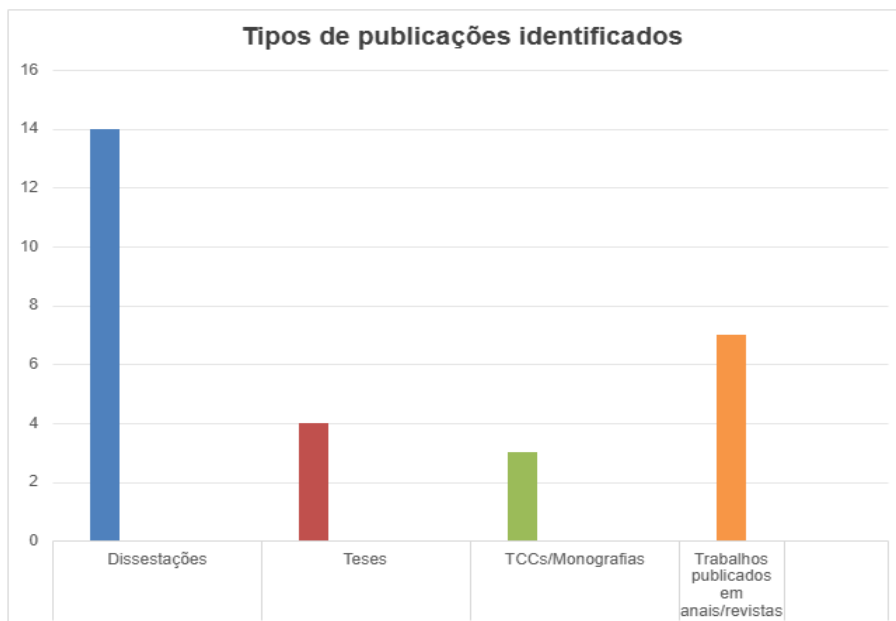
Fonte: autoria própria (2025)



**Figura 2:** distribuição das publicações sobre a Terra Indígena Vanuíre por campus da Unesp. Fonte: autoria própria (2025).

Além da análise por campus, é igualmente relevante observar os formatos em que essa produção se apresenta: como mostra a Figura 3, a maior parte das produções corresponde a dissertações (14), seguidas de teses (4), trabalhos publicados em anais ou revistas (6) e apenas três TCCs/monografias. Esse padrão pode indicar que o tema ainda é mais explorado em níveis avançados de formação acadêmica, o que aponta limitação do acesso do tema a estudantes de graduação. A escassez de materiais didáticos corrobora a crítica de Oliveira (2016) sobre a exclusão indígena na formação identitária nacional, refletida na própria produção do conhecimento sobre seus territórios. Ademais, os dados levantados comprovam essa afirmação, já que ao longo da pesquisa apenas três autores autodeclarados indígenas foram identificados, refletindo a colonialidade do saber que deslegitima os conhecimentos tradicionais (Mignolo, 2003; Quijano, 2000). Como afirmam Righetto e Karpinski (2021), a produção de narrativas indígenas demanda metodologias não-extratvistas e epistemologias sociais decoloniais que rompam com as linhas abissais do saber dominante. Tais elementos reiteram a crítica feita na introdução deste trabalho, de que a produção do saber sobre a Terra Indígena Vanuíre (tanto acadêmica quanto institucional) ainda é marcada pela exclusão dos próprios povos

indígenas nos processos de construção do conhecimento. Isso revela tensões importantes entre o discurso científico dominante e as epistemologias indígenas. Portanto, é preciso romper com as práticas que reduzem os povos originários a fontes informativas ou testemunhais, sem reconhecer sua agência intelectual e política (Grupioni, 2005).



**Figura 3:** tipos de publicação sobre a Terra Indígena Vanuíre identificados na revisão bibliográfica. Fonte: autoria própria (2025).

Essa assimetria na autoria e na abordagem dos trabalhos analisados não se distribui de forma uniforme ao longo do tempo. Ao observar a distribuição temporal das produções sobre o território, percebe-se um crescimento gradual ao longo dos anos, com destaque para o ano de 2021, que apresentou o maior número de publicações no período analisado. A seguir, a Figura 4 ilustra a quantidade de trabalhos publicados por ano, evidenciando esse pico recente:



**Figura 4:** quantidade de produções por ano relacionadas à Terra Indígena Vanuíre. Fonte: autoria própria (2025).

Contudo, o fato de 2021 se destacar como o ano com maior número de produções sobre a Terra Indígena Vanuíre está profundamente relacionado a um contexto de

mobilização política e fortalecimento das pautas indígenas em nível nacional. Em primeiro lugar, esse ano foi marcado por intensos debates sobre os direitos territoriais indígenas, especialmente em torno do julgamento do Marco Temporal no Supremo Tribunal Federal, que mobilizou pesquisadores, movimentos indígenas e instituições de defesa dos direitos humanos.

Além disso, esse ano coincidiu com o lançamento de novas edições de revistas científicas, dossiês temáticos e chamadas públicas voltadas para a questão indígena, o que pode ter incentivado pesquisadores a publicar estudos relacionados ao tema. Também é possível que a pandemia de COVID-19 tenha impulsionado reflexões críticas sobre as condições de vulnerabilidade dos povos indígenas e sua relação com o Estado, o que se reflete na escolha de temas mais sensíveis e urgentes dentro da produção acadêmica.

Outro ponto relevante é que em 2021 completa-se o centenário da fundação do SPI (Serviço de Proteção aos Índios), órgão que esteve diretamente ligado à criação do Posto Indígena Vanuáre. Essa data pode ter estimulado análises históricas críticas, revisitando o papel do Estado no confinamento e na assimilação dos povos originários. A retomada da crítica ao indigenismo tutelar e à narrativa da “pacificação” dos Kaingang aparece com força nos estudos recentes, o que indica um amadurecimento das abordagens acadêmicas sobre o tema, mais sensíveis às vozes indígenas e às disputas históricas em torno do território (Zema; Silva, 2021).

Ademais, como argumentam Smith (2021) e Clavero (2008), a superação da lógica extrativista na produção de conhecimento exige metodologias construídas a partir das próprias comunidades indígenas, de modo a reconhecer sua agência intelectual e fortalecer suas epistemologias. Essas autoras e autores destacam que a pesquisa descolonizadora deve romper com padrões históricos de marginalização, garantindo participação efetiva desde a concepção até a divulgação dos estudos. No entanto, mesmo com o crescimento recente do interesse acadêmico pelo tema, a produção segue sendo predominantemente conduzida por pesquisadores não indígenas. Tal cenário confirma a persistência de uma assimetria epistêmica, na qual os povos originários permanecem mais como objeto do que como sujeitos na construção do conhecimento sobre seus próprios territórios.

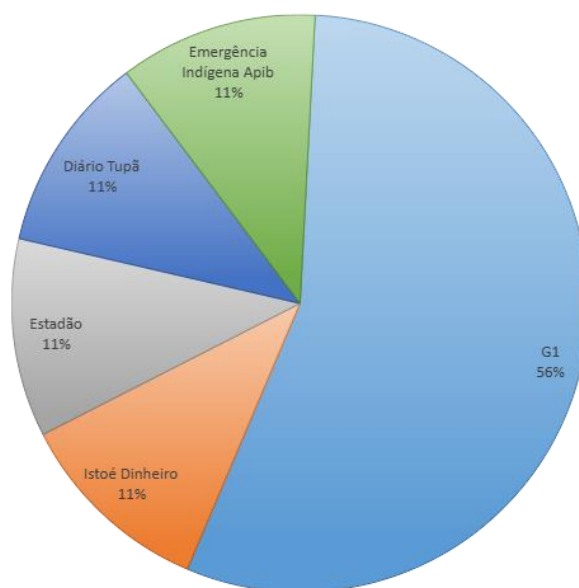
### 3.2 Produção Não Acadêmica

Quanto à produção não acadêmica, foram identificadas 9 matérias jornalísticas divulgadas pela Comissão Pró-índio de São Paulo, observa-se na Tabela 3 seguida pela Figura 5.

**Tabela 3:** sites com matérias jornalísticas sobre a Terra Indígena Vanuíre.

Sites	Quantidade
G1	5
Istoé Dinheiro	1
Emergência Indígena Apib	1
Estadão	1
Diário Tupã	1

Fonte: autoria própria (2025)



**Figura 5:** percentual da concentração de matérias jornalísticas referentes à Terra Indígena Vanuíre. Fonte: autoria própria (2025).

Dentre essas 9 matérias, 8 foram publicadas durante a pandemia de COVID-19. Essas matérias abordam de forma factual o registro de mortes pela doença, a vacinação e iniciativas de enfrentamento à crise sanitária. Reportagens nacionais e locais destacaram tanto o avanço da imunização, iniciado com prioridade para comunidades indígenas, quanto desafios como a disseminação de notícias falsas, a resistência influenciada por denominações religiosas e a insuficiência de ações governamentais. Nesse contexto, o Plano Regional Emergencial de Enfrentamento à COVID-19, articulado pela Articulação dos Povos Indígenas da Região Sudeste (ARPINSUDESTE) em parceria com a Comissão Pró-Índio de São Paulo, se apresenta como contraponto à resposta estatal limitada, propondo uma abordagem integral que contempla dimensões sanitárias, sociais, territoriais e comunicacionais. Diferente da produção acadêmica, que tende a privilegiar análises históricas e estruturais, essas fontes não acadêmicas registram a experiência imediata da crise, ao evidenciar a vulnerabilidade sanitária e a capacidade de resposta autônoma das lideranças frente à insuficiência de ações estatais.

Além das matérias jornalísticas, outras fontes não acadêmicas contribuíram significativamente para a análise da produção de saberes sobre a Terra Indígena Vanuíre. Dentre elas, destaca-se o Edital nº 17/2024, promovido pelo Ministério dos Povos Indígenas, que prevê o apoio à agricultura ancestral e à recuperação de práticas

alimentares tradicionais por meio do cultivo de florestas nativas. Essa proposta sinaliza uma mudança importante nas políticas públicas voltadas aos povos originários ao valorizar práticas territoriais que historicamente foram marginalizadas ou invisibilizadas pelas ações estatais de assimilação. Tendo isso em vista, pode-se observar que um dos projetos submetidos no edital foi a horta comunitária da Escola Estadual Índia Vanuïre, que embora não tenha sido contemplada por ele, sua menção aponta para iniciativas autônomas que associam práticas educativas ao fortalecimento cultural.

Nesse mesmo levantamento, o Portal Kaingang é citado como uma fonte relevante para o mapeamento digital das terras indígenas ocupadas por esse povo. Apesar de não apresentar textos analíticos ou publicações específicas sobre a Terra Indígena Vanuïre, o portal disponibiliza mapas, fotografias, notícias e sugestões de leitura, funcionando como um repositório informativo e simbólico. Sua existência reafirma a importância das plataformas digitais como espaços de circulação de narrativas indígenas e construção de memória, conforme defende Smith (2021) ao propor uma pesquisa descolonizadora centrada na agência dos próprios povos originários.

#### **4. Considerações finais**

O trabalho teve como objetivo compreender como o conhecimento sobre a Terra Indígena Vanuïre, localizada no município de Arco-Íris (SP), tem sido produzido, tanto em contextos acadêmicos quanto não acadêmicos. A análise foi conduzida por meio de uma revisão bibliográfica de escopo, considerando a diversidade de fontes que tratam direta ou indiretamente da realidade vivida pelos povos Kaingang e Krenak no interior paulista.

No campo acadêmico, os dados demonstraram que a produção bibliográfica se concentra majoritariamente na Unesp, com destaque para os campi de Tupã e Presidente Prudente. Essa concentração está associada não apenas à localização geográfica, mas também às linhas de pesquisa desenvolvidas nas unidades, sobretudo nos programas de pós-graduação em Geografia e Agronegócio e Desenvolvimento. Observou-se ainda uma predominância de dissertações e teses, indicando que o tema é mais explorado em níveis avançados de formação. Contudo, chama atenção a escassa presença de autores indígenas nas publicações analisadas, o que reforça a assimetria epistêmica existente na produção do saber sobre os povos originários (Quijano, 2000; Righetto; Karpinski, 2021).

Por outro lado, a análise da produção não acadêmica trouxe elementos igualmente relevantes. As matérias jornalísticas publicadas durante a pandemia de COVID-19 documentaram a vulnerabilidade das comunidades indígenas e a resposta autônoma das lideranças frente à ausência de políticas públicas eficazes. Além disso, fontes como o Edital nº 17/2024 e o Portal Kaingang evidenciam iniciativas que, embora não formalizadas academicamente, exemplificam mudanças paradigmáticas, pois ressaltam práticas ancestrais e conhecimento antes marginalizados pelas políticas assimilacionistas. Essas experiências confirmam a importância de reconhecer os saberes indígenas como formas legítimas de produção de conhecimento (Smith, 2021; Oliveira, 2016).

De modo geral, os resultados apontam para uma produção do conhecimento ainda marcada por silenciamento histórico e exclusões estruturais, mas também por esforços crescentes de escuta, valorização e reconhecimento das epistemologias indígenas. Torna-se necessário, portanto, fomentar práticas de pesquisa que ultrapassem os limites da academia tradicional, incorporando metodologias participativas, não extrativistas e comprometidas com a justiça epistêmica (Clavero, 2008; Walsh, 2009; Smith, 2021).

Com isso, espera-se que esta pesquisa contribua para ampliar o debate sobre os modos de produzir conhecimento sobre territórios indígenas no Brasil, e que sirva de base para reflexões mais amplas sobre as relações entre ciência, cultura e memória.

## Agradecimentos

Agradecemos ao nosso grupo de pesquisa Capitalismo, Identidade e Poder nas Américas (CAIPORAS) pela orientação, conversas e ensinamentos. Agradecemos a Unesp e a nossas colegas pesquisadoras pelo apoio durante a pesquisa.

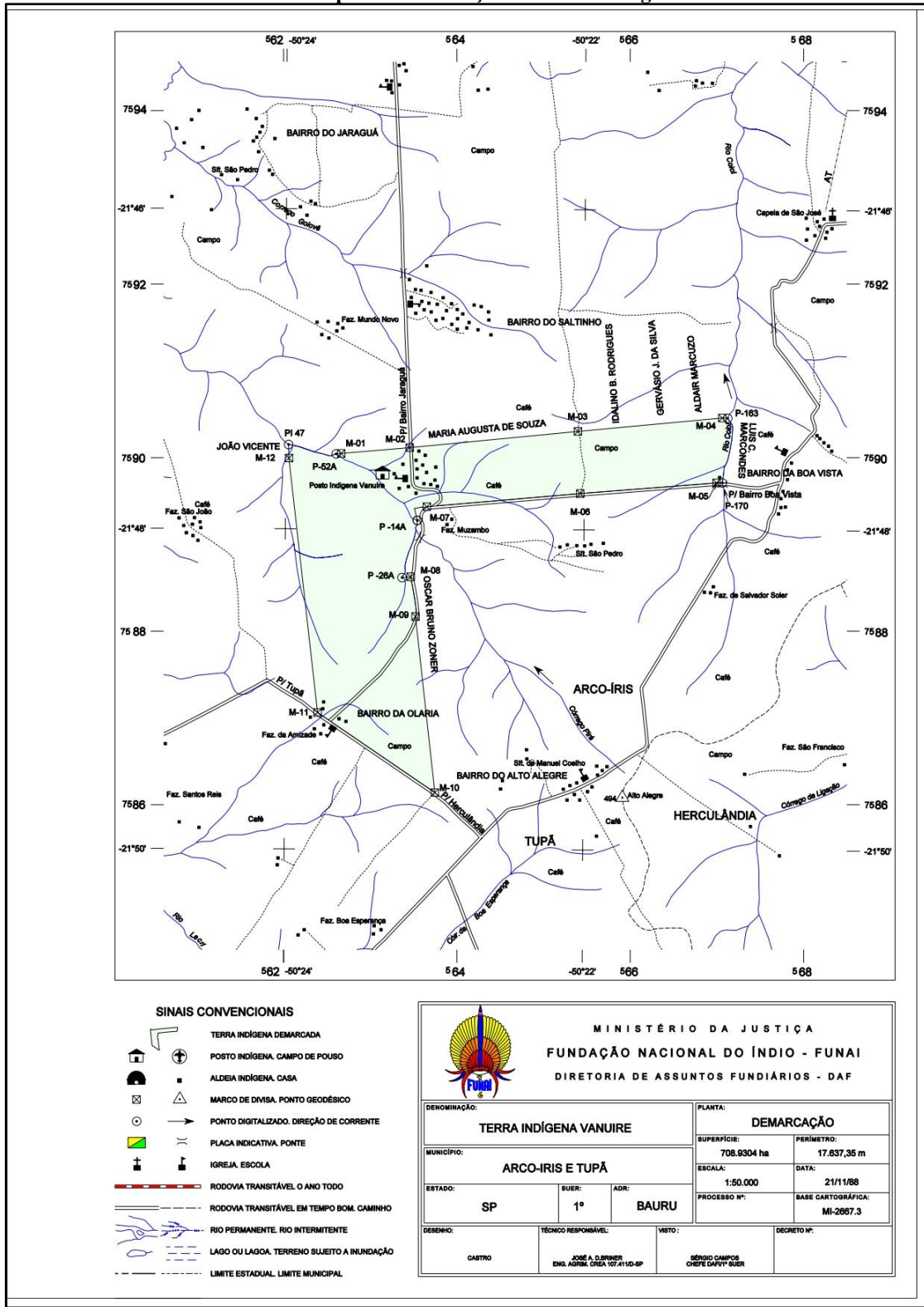
## Referências

- ARKSEY, Hilary; O'MALLEY, Lisa. Scoping studies: towards a methodological framework. *International Journal of Social Research Methodology*, v. 8, n. 1, p. 19-32, 2005.
- BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Lisboa: Edições 70, 2011.
- CLAVERO, Bartolomé. *Geografía jurídica de América Latina: pueblos indígenas entre constituciones mestizas*. Madrid: Iberoamericana, 2008.
- GRUPIONI, Luís Donisete Benzi (org.). *Índios no Brasil*. 4. ed. São Paulo: Global, 2005.
- MIGNOLO, Walter D. *Histórias locais/projetos globais: colonialidade, saberes subalternos e pensamento liminar*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.
- OLIVEIRA, João Pacheco de. *O nascimento do Brasil e outros ensaios: povos indígenas e formação nacional*. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2016.
- OLIVEIRA, João Pacheco de (org.). *Sociedades indígenas & indigenismo no Brasil*. Rio de Janeiro: Marco Zero; UFRJ, 1987.
- PINHEIRO, Niminon Suzel. Vanuíre: conquista, colonização e indigenismo – Oeste paulista (1912-1967). 1999. 283 f. Tese (Doutorado em História) – Universidade Estadual Paulista, Assis, 1999. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/items/db0ba1b3-4559-4986-bbc3-a065e0842c40>. Acesso em: 17 dez. 2024.
- PORTAL KAINGANG. Disponível em: [http://www.portalkaingang.org/index\\_home.html](http://www.portalkaingang.org/index_home.html). Acesso em: 12 fev. 2026.
- QUIJANO, Aníbal. Colonialidad del poder, eurocentrismo y América Latina. In: LANDER, Edgardo (org.). *La colonialidad del saber: eurocentrismo y ciencias sociales: perspectivas latinoamericanas*. Buenos Aires: CLACSO, 2000. p. 201-246. Disponível em: [https://biblioteca.clacso.edu.ar/clacso/sur-sur/20100624103322/12\\_Quijano.pdf](https://biblioteca.clacso.edu.ar/clacso/sur-sur/20100624103322/12_Quijano.pdf). Acesso em: 24 ago. 2025.
- RIGHETTO, Alessandra; KARPINSKI, Cezar. For a decolonial social epistemology. *Transformação*, Campinas, v. 33, e200039, 2021. Disponível em: <https://periodicos.puc-campinas.edu.br/transinfo/article/view/5839>. Acesso em: 1 ago. 2025.
- RODRIGUES, C. R. O Apostolado Positivista do Brasil e o SPILTIN: propostas e políticas para a questão indígena no Brasil. *Topoi*, v. 20, n. 40, p. 183-203, 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/topoi/a/FV6WNPJTghYCq3wGSpzWR4B/>. Acesso em: 24 ago. 2025.
- SMITH, Linda Tuhiwai. *Decolonizing methodologies: research and Indigenous peoples*. 3. ed. Londres: Zed Books, 2021.
- WALSH, Catherine. *Interculturalidad, Estado, Sociedad: luchas (de) coloniales de nuestra época*. Quito: Universidad Andina Simón Bolívar; Abya Yala, 2009.
- ZEMA, Ana Catarina; SILVA, Thiago Moreira. O canto da Índia Vanuíre: pacificação e genocídio dos Kaingang paulistas. *Revista de Ciências Humanas CAETÉ*, v. 3, n. 1, p. 16-34, 2021. Disponível em:

<https://200.17.114.107/index.php/revistadecienciashumanascaete/article/view/11916>. Acesso em: 28 nov. 2024.

## ANEXOS

### ANEXO A – Mapa de demarcação da Terra Indígena Vanuíre



Fonte: Infraestrutura Nacional de Dados Espaciais (INDE). Catálogo de Metadados Geoespaciais. Disponível em: <https://metadados.inde.gov.br/geonetwork/srv/por/catalog.search#/metadata/02c70c3f-77f3-45d2-955c-560fe9a623e5>. Acesso em: 12 fev. 2026.